

## Zita de Andrade Lima, pernambucana de fibra e sensibilidade<sup>1</sup>

Aline Maria GREGO LINS<sup>2</sup>  
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

### Resumo

O artigo apresenta, para quem não a conheceu, o caráter e a determinação da jovem e forte mulher, Maria José Antunes de Andrade Lima – a Zita Andrade, sobretudo, em seus passos iniciais na vida acadêmica, quando já era casada com Luis Beltrão e mãe de 5 filhos. Zita foi aluna do curso de Jornalismo da UNICAP, o mais antigo em funcionamento no Norte Nordeste brasileiro, fundado justamente por Beltrão e pelo então reitor, Padre Aloisio Mosca. Além de resgatar parte de sua biografia, o artigo também traz depoimentos de alguns dos seus colegas de turma e no radialismo.

.

**Palavras-chave:** radiojornalismo; fibra de pernambucana; radialista.

.

Maria José Antunes de Andrade Lima, a Zita, filha de Abdon Pio Gonçalves e de Maria da Conceição Antunes Gonçalves, nasceu no dia 13 de abril de 1924, no então distrito de Moreno, pertencente à cidade de Jaboatão, que, quatro anos depois do nascimento de Zita, foi elevado à condição de município. A cidade fica na região oposta a Olinda, cidade onde nasceu seu querido companheiro, Luiz Beltrão. Ambas as cidades ficam muito próximas à capital pernambucana, Recife, onde os dois construíram juntos parte de suas vidas.

A pequena cidade de Moreno do início do século XX começou a ganhar impulso com a instalação da indústria têxtil *Societé Cotonière Belge Brésilienne*, que era a principal fonte de renda e empregadora do município. Mas a cidade era conhecida também como a cidade dos eucaliptos, por causa do plantio com mudas oriundas da Austrália (mais de dois milhões de pés) que marcavam agradavelmente o aroma morenense. A família de Zita, no entanto, não ficou muito tempo por lá, seguindo para o Recife com ela ainda menina.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Aline Maria Grego Lins é professora do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, fundado por Luiz Beltrão, no Recife, e que este ano completa 54 anos de existência, sendo o mais antigo curso de Jornalismo em funcionamento no Norte Nordeste brasileiro. Bacharel em Jornalismo pela UNICAP, é mestra em Educação, pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação – IESAE, da Fundação Getúlio Vargas, RJ; e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP.

Na capital pernambucana, Zita estudou no tradicional Colégio São José, instituição que estava sob o zeloso cuidado das Irmãs Dorotéas, e que era frequentado tão somente por meninas e moças, como era o costume de então nas escolas e colégios de congregações religiosas, meninos e meninas estudavam em escolas separadas. Zita passou oito anos de sua vida no Colégio São José, onde cursou o Ginásio, iniciado aos 12 anos de idade e, depois, o curso Pedagógico, que formava as professoras que iriam trabalhar com crianças no ensino primário.

Ainda no Colégio, a aluna Maria José Antunes Gonçalves (nome de solteira), muito cedo mostrou suas habilidades para a escrita e o gosto pela História. No boletim do Colégio, é fácil perceber como a menina se encantava pelas letras, pela Língua Portuguesa, bem como pela História Geral e pela História do Brasil: era nessas disciplinas que ela conquistava seus melhores desempenhos e resultados. O mesmo não pode ser dito com relação às disciplinas das áreas das ciências exatas, em especial Química e Física. Mas, em contrapartida, a jovem Zita demonstrava talento no canto orfeônico, no desenho e no estudo de piano, esse desenvolvido no Conservatório Pernambucano de Música, onde era aluna do maestro Manoel Augusto dos Santos.

Aos 18 anos, Zita formou-se como professora primária e, no ano seguinte, casou-se com Luiz Beltrão de Andrade Lima, jovem bacharel em Direito e jornalista, seis anos mais velho do que sua amada. O casamento aconteceu em tempos de guerra, em 1944, mas essa história começou muito antes.

Segundo a própria Zita<sup>3</sup>, quando os dois se conheceram, ela era ainda uma jovem adolescente com 13 anos de idade, e ele um rapaz de 19 anos, estudante do curso de Direito e já repórter do Diário de Pernambuco. Eles foram apresentados por um amigo comum, Geraldo Correia da Silva. O cenário do primeiro encontro foi a Praça do Carmo, em Olinda, durante a apresentação de uma retreta no coreto. Olinda, aliás, era outra grande paixão de Beltrão, mas da qual Zita nunca teve ciúmes e também aprendeu a amar.

Para Luiz Beltrão, a jovem Zita representou paixão e amor à primeira vista. Segundo ela, no segundo encontro, Beltrão já mostrou desembaraço e, com seu “sorriso mais simpático” e nenhuma timidez, fez o seguinte comentário: “Zita, sabe que você não saiu do meu pensamento desde aquela retreta... você é a garota mais bonita e mais inteligente que já

---

<sup>3</sup> Depoimento de Zita Andrade Lima, em 1998, publicado no livro **Itinerário de Luiz Beltrão**, organizado pelo pupilo de Beltrão, Professor Dr. Roberto Benjamin, publicado em Recife, pela Associação de Imprensa de Pernambuco em parceria com a Fundação Antônio dos Santos Abranches- FASA, em 1998 (p. 231-232) o depoimento faz parte também do livro de autoria de Zita Andrade Lima, intitulado **Luiz, Companheiro de ofícios e de sonhos**, publicado em Brasília pela editora Thesaurus, em 1999.

vi. Eu estou apaixonado. Quando você crescer eu vou casar com você” (LIMA, 1999, p. 15).

A jovem e determinada adolescente estranhou a ousadia do rapaz e pensou “- Que rapaz mais saliente! Maluco de tudo. Que brincadeira mais fora de hora, mas sem propósito” (LIMA, 1999, p. 16). Mas, observando as fotos da jovem Zita, dá para entender o encantamento que tomou Beltrão de assalto, Zita era muito bonita e como ele próprio disse em vários de seus poemas ou declarações, era uma jovem inteligente, sensível e que sabia muito bem se expressar e encantar.

O fato é que Beltrão, desde que pôs os olhos em Zita, na Praça do Carmo, nunca mais a perdeu de vista, ele estava falando sério sobre seus sentimentos e, sete anos depois do primeiro encontro, os dois se casariam no dia 18 de março de 1944 e, a partir de então, um foi companheiro e cúmplice incondicional do outro, durante mais de 40 anos de união<sup>4</sup>.

Os dois tiveram cinco filhos, Selma, Luiz Antônio, Silvia Teresa, Paulo Henrique e Fernando, todos se casaram e aumentaram a família Andrade Lima, dando a Zita e a Luiz Beltrão mais de uma dezena de netos e bisnetos.

Mas não foi só uma grande família que Zita e Beltrão construíram juntos, como se isso já não fosse um enorme feito. Os dois também foram companheiros e cúmplices na vida profissional e intelectual. A pernambucana determinada e talentosa nunca escondeu a sua admiração, amor e orgulho pelo companheiro Luiz Beltrão, que, segundo ela, era cartesiano, sensível, inteligente e muito religioso. Falava com detalhes e carinho das inúmeras viagens que os dois fizeram juntos pelo mundo: países das Américas, Ásia, África, continente europeu, inclusive aos países da chamada cortina de ferro, uma raridade em tempos de regime militar. Mas sempre que podia, em seus relatos, lembrava-se do Recife e de Olinda. É assim que faz quando fala dos diversos lugares templos e igrejas em que estiveram e fizeram suas orações - nunca é demais lembrar que Beltrão era muito religioso, chegou ainda jovem a pensar em ser padre, mas logo percebeu que seu destino seria outro. Zita também teve, em família e na escola, uma educação religiosa consistente (1999, p.29).

Fizemos nossas orações na Basílica de São Pedro, em Roma, na Gruta de Belém, onde Jesus nasceu [...] no Muro das Lamentações, em Jerusalém; na Catedral de São Patrício, em Nova Iorque; na Basílica de Sacré-Couer [...] na colina de Montmarte, o segundo ponto mais alto de Paris [...] na Sagrada Família, em Barcelona [...] no Duomo de Milão; na Capelinha de

---

<sup>4</sup> Luiz Beltrão faleceu em Brasília, no dia 24 de outubro de 1986, em plena maturidade, aos 68 anos de idade.

São José dos Pescadores, na Igreja da Misericórdia e na Sé de Olinda; na Matriz dos Afogados, na Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem, no Recife [...]

Zita descreve Beltrão como uma pessoa com pouca paciência para a burrice e a injustiça, mas com muita iniciativa e determinação para buscar seus sonhos, um deles contou com o apoio incondicional da esposa: a criação do curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, em 1961. Mas é preciso fazer justiça a essa mulher e destacar que a determinação e a iniciativa também faziam parte das características de Zita, uma mulher decidida em construir sua própria história, tanto que, aos 36 anos de idade, já mãe de cinco filhos, não hesitou em submeter-se ao vestibular da primeira turma do curso de Jornalismo da UNICAP, para o qual foi aprovada, junto com mais 49 colegas. Estamos falando de uma época em que as mulheres ainda eram minoria no ensino superior, ainda mais as casadas e mães de filhos. Entre os colegas de turma de Zita estavam José Marques de Melo, o poeta Cesar Leal, o já repórter Ronildo Maia Leite, o Frei Urbano, capuchinho da congregação de D. Vital, e Roberto Benjamin. Mas, segundo o professor José Marques (2015) o destaque da turma era mesmo um trio muito especial:

O trio era constituído pelas senhoras que sentavam na primeira fila: D. Zita, D. Laura e D. Salomé. Tratadas com respeito e consideração pela turma, elas se tornaram nossos referentes, pois já tinham cumprido a missão da maternidade e queriam triunfar como profissionais. D. Laura, descendente de portugueses, tinha a ilusão de ser poetisa. D. Salomé destacava-se pelo semblante árabe, sonhando triunfar como cronista. D. Zita proclamava o desejo de ser radialista, expressando-se com um timbre de voz cujo vigor não deixava dúvida sobre sua vitória profissional. Ela pontificava na Rádio Olinda, atuando depois na Rádio Universitária, pertencente ao patrimônio da Universidade do Recife (hoje denominada UFPE<sup>5</sup>).

Durante o curso e a vida, Zita mostrou sua força, habilidade, paciência, sabedoria e muita inteligência para acompanhar os desafios criados ou impostos ao seu marido e a sua família. No curso de Jornalismo, Beltrão foi seu professor, mas nunca aliviou as exigências para sua mulher, pelo contrário, segundo Zita, a cobrança era muito maior. Ela revela que Beltrão exigia dela sempre o melhor desempenho, tanto nas disciplinas ministradas por ele, quanto e, sobretudo, nas disciplinas lecionadas pelos outros professores do Curso:

Não é nenhuma vantagem você se destacar como a melhor aluna nas disciplinas que eu ensino. Pode parecer proteção. Afinal você tem um

---

<sup>5</sup> Depoimento concedido pelo professor José Marques de Melo a Aline Maria Grego Lins, em 19 de abril de 2015.

excelente professor (era o próprio) a lhe dar aulas particulares a qualquer hora e tem a melhor biblioteca na área de jornalismo. Você é uma mulher muito inteligente e tem a obrigação de ser brilhante nas disciplinas ministradas pelos outros professores. E, com esse argumento (ou chantagem?) ele conseguia que eu estudasse como uma danada, horas a fio, noites adentro. Felizmente nunca o decepcionei. (LIMA, 1999, p. 36)

Essa determinação e desempenho estão devidamente registrados nos documentos arquivados na Universidade Católica de Pernambuco. Nos históricos escolares de Zita Andrade Lima, durante os três anos do curso de Jornalismo (a duração do curso nos anos 60 era menor do que nos dias atuais), é possível constatar que ela obteve excelentes notas, a grande maioria, a partir do conceito 9, entre as pouquíssimas exceções, apenas cinco das vinte disciplinas cursadas ficaram com uma média um pouco abaixo do conceito nove, entre elas, justamente a de Técnica de Jornalismo, ensinada por Luiz Beltrão, na terceira série do Curso<sup>6</sup>, quando ela obteve a caprichosa média de 8,95.

O resultado de Zita nas disciplinas dos outros professores foi excelente, a exemplo da disciplina Religião, lecionada pelo Padre Aloysio Mosca de Carvalho, jesuíta, reitor da Universidade Católica de Pernambuco (de 1957 a 1969) também visionário, que apoiou Beltrão na abertura do Curso de Jornalismo. Além dos ótimos resultados em Economia Política, Publicidade, Geografia Humana e Administração de Jornal, sem falar no seu desempenho em Rádio Jornalismo, disciplina, aliás, que, depois de formada (ela concluiu o curso de Jornalismo em dezembro de 1963), a própria Zita iria atuar como assistente (1965), disciplina então ministrada pelo professor Humberto Sodré da Mota Pinto.

Sua dedicação e desempenho, ainda enquanto aluna, revelam uma trajetória marcada por várias conquistas de prêmios: um deles lhe rendeu, inclusive, um estágio no Departamento de Relações Públicas da Esso Brasileira de Petróleo, no Rio de Janeiro. A Esso era a patrocinadora de um dos principais jornais da rádio e, depois, também, da televisão no Brasil, o emblemático Repórter Esso. Zita, enquanto estudante, soube explorar e aliar a experiência profissional aos novos conhecimentos jornalísticos. Segundo o professor e pesquisador, Marques de Melo, ela trabalhava no Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Ferroviários, repartição onde atuava desde a juventude e com a qual ajudava o marido a compor o orçamento familiar para criar os cinco filhos do casal.

Depois de concluir o curso, Zita atuou no jornalismo pernambucano em várias frentes. Logo que terminou o curso, foi requisitada, pelo jornalista Edson Regis, para atuar

---

<sup>6</sup> Luiz Beltrão era também o professor de Técnica de Jornalismo nas 1ª e 2ª séries do Curso, mas nessas duas ocasiões, Zita obteve conceitos maiores.

no departamento de jornalismo da Rádio Universitária, no Recife, sendo imediatamente cedida pelo sindicalista Claudio Braga, então presidente do Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Ferroviários. Também escreveu reportagens para os principais jornais do Recife, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, a exemplo da bela série de reportagens sobre a literatura de cordel, intitulada “Prelos Manuais ensinam o Nordeste a saber e a sonhar”, publicada no DP, em 1965, e apontada pelo ICINFORM – Instituto de Ciências da Informação, vinculado ao curso de Jornalismo da UNICAP, como uma das reportagens mais importantes daquele ano. Zita foi ainda produtora de programas informativos na Rádio Olinda, com destaque para o programa “Trinta minutos na vida de uma mulher” (MORAIS, 2007). O programa era diário e apresentava matérias preferencialmente de interesse feminino, mas não de futilidades. Essa preocupação em informar e formar foi uma constante em sua vida como jornalista, mulher pernambucana, nordestina. Destacar a capacidade de atuação da mulher em qualquer espaço e refletir sobre a necessidade de essa mulher preparar-se para exercer atividades para além do lar era uma das tarefas que mais gostava de trilhar. Contribuir para que as pessoas pudessem informar-se criticamente para tomar ciência da importância do seu espaço social, não só a mulher, mas a população com menos acesso à educação e à informação, de um modo geral. Esse sentimento vai ser trabalhado de forma mais significativa quando Zita amplia suas preocupações com o processo comunicativo para além do jornalismo.

Esse passo acontece quando, incentivada por Luiz Beltrão, Zita decide, além de experimentar a prática jornalística, dar prosseguimento aos seus estudos. Ela topou o desafio e foi aprovada para o curso do CIESPAL – Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina, desenvolvido na Universidade do Equador, em Quito. Revelou a coragem e determinação da mulher, pois teria que seguir com suas próprias pernas, longe da família, da cidade e do Brasil. Deixou no Recife os cinco filhos e a casa sob os cuidados do marido e, já no início do segundo semestre de 1964, começou a participar do curso do CIESPAL, na condição de um dos bolsistas da UNESCO pelo Brasil - existiam mais dois estudantes brasileiros no grupo, o paraense Lenio Carvalho e o paraibano Arael Meneses da Costa.

Em seu detalhado, curioso, revelador e, muitas vezes, bem humorado relato, Zita descreve as impressões, quase que diárias, da recém-graduada, mas já profissional do jornalismo, em **Jornal de Uma Bolsista do CIESPAL**, relato publicado na Revista Comunicações & Problemas, de 1965, a primeira revista acadêmica de comunicação editada

no Brasil, também criada por Luiz Beltrão e vinculada ao ICINFORM e ao curso de Jornalismo da UNICAP.

É também nesse relato, talvez, que mais presenciamos as marcas da pernambucanidade de Zita, seja pelas expressões utilizadas, seja pela forma crítica, por vezes humorada, ao analisar os acontecimentos que a rodeavam. Em vários momentos, é possível flagrar, no relato, o bairrismo pelo Recife, pelos pernambucanos, a saudade da família e o orgulho quando escutava falarem bem do seu marido e dos brasileiros.

Se um curso fora do Brasil, por si só, já era um grande feito e Zita não escondeu suas apreensões nem seu espírito forte para vencê-lo: “Sinto medo do curso. Só dá ‘cobras’ no assunto. Eu sou ‘chimbica’, mas se aprender depressa como aprendi espanhol, ‘arriba Zita’”(1965, p. 41). Imagine enfrentar outro grande desafio, no caso dela: o frio. São várias as passagens em seu relato que Zita, habituada ao clima quente e à brisa do mar e dos rios no Recife, se queixa do frio e das fortes chuvas. “Quase morri de frio esta manhã em Lima, fazia 10 graus de temperatura, com vento soprando. Viva o calor do Recife! São 15h30, tenho as mãos geladas” (1965,40). Ela ainda estava no aeroporto de Lima, em conexão, para seguir para o Equador. “Minha letra está ficando cada vez pior, pois estou escrevendo de luvas, tendo as mãos geladas”, dessa vez já em Quito onde o frio só aumentava e também o seu espanto ao ver, pela primeira vez na vida, uma chuva de granizo.

É cada trovão que quase morro, pois cada dia tenho mais medo. Faz poucos dias choveu umas bolinhas brancas. Eu olhava e pensava que eram alguns bichinhos que pulavam na grama, pois eu não via chover, só via as bolinhas batendo no chão. As janelas da sala de conferências não abrem e eu presa, não pude ver direito “[...] chover granizo” (LIMA, 1965, p. 43).

O período do curso foi um momento também de muito crescimento intelectual e crítico para a Zita, que não perdeu a oportunidade em aproveitar o que de novo e interessante às dezenas de conferências ministradas por teóricos e profissionais de várias partes do mundo lhe proporcionavam, mas ela não deixou também de dar suas pitadas de crítica com o que não andava bem ou fugia um pouco a proposta.

As primeiras aulas de Stewart<sup>7</sup> não impressionaram, êle falou coisas “muito manjadas”. Aulas para o primeiro ano de nossa Faculdade, da U. C (Universidade Católica de Pernambuco, parêntese nosso), coisas como

---

<sup>7</sup> Ela se refere à Hennes Stewart, que trabalhou no New York Times e ensinou Ciências da Comunicação Coletiva nas Universidades de New York, Michigan e Califórnia. Depois de algumas aulas, a própria Zita reconhece que o Stewart melhorou muito o nível de suas aulas, pinçamos essa passagem só para destacar um tanto do bairrismo pernambucano da Zita.

“cuando um perro muerde um hombre”, etc, etc. Bem fraquinhas no começo, as aulas do professor americano foram de melhor a melhor, baseadas nas experiências de Evelyn, sua esposa, grande jornalista a quem Stewart muito ama e admira. (LIMA, 1965, p. 42).

Há, também, críticas bem humoradas, a exemplo da que faz ao professor Juan Beneyto, diretor da Escola de Jornalismo da Universidade de Madri. Tanto Zita como os demais colegas de turma achavam que ele falava muito rápido e pigarreando o tempo todo, era muito estático em suas aulas, praticamente passava todo o tempo sentado da mesma maneira. Segundo Zita, todos da turma, durante a aula dele, ou dormiam ou faziam chistes cruéis, a exemplo dos alunos bolivianos que brincavam dizendo: “a hora llegó la medicina para dormir. Para Zita, o professor Beneyto era um boa praça, simpático, cordial, “como escritor é grande, mas como professor, valha-me Deus” (LIMA, 1965, p. 42).

Outra passagem curiosa é o relato sobre o professor francês, Jofre Dumazedier, segundo ela, “Completamente louco. Veio dar aula em traje esporte, camisa desabotoada, Dumazedier é o cão” (LIMA, 1965, p. 46). Havia muita formalidade no curso nessa época, inclusive na forma de vestir-se, tanto para alunos quanto para os docentes. Mas desse professor, Zita fala pernambucanamente com muito orgulho, é que Dumazedier conhecia o Recife, era um admirador da nossa cultura e era amigo de vários pernambucanos:

Dumazedier é um louquito. Ontem me deu chocolate. Esteve no Recife, trabalhou com toda a equipe de Miguel Arraes, conhece muito dos nossos amigos, muitíssimo nossos problemas culturais. Em suas conferências fala de sua experiência no Recife, das enquêtes, da arte popular tão espontânea. Fala do Movimento de Cultura Popular - o MCP (grifo nosso), do Joaquim Nabuco, de Gilberto Freyre, de Josué de Castro... Dumazedier é amigo de Germano Coelho e Abelardo da Hora. (LIMA, 1965, p. 47).

Mas as críticas não ficaram tão somente voltadas para o desempenho dos professores ou para o próprio curso. Os debates acalorados envolvendo a comunicação ou temas polêmicos, quase sempre, tinham a Zita de Andrade Lima como a representante dos brasileiros para falar ou escrever sobre o assunto. Zita se dizia orgulhosa e encantada com a indicação dos colegas, mas sabia que uma grande responsabilidade pesava sobre ela nessas ocasiões. Numa dessas intervenções que o grupo de brasileiros fez sobre o que achava da



estrutura agrária do País (a pergunta foi feita para todos os grupos da turma), Zita apresentou a seguinte posição<sup>8</sup>:

Nós do Brasil quando pensamos em qualquer tipo de problema, em qualquer solução para esses problemas, encontramos uma barreira quase intransponível: a ignorância, o analfabetismo dos nossos camponeses. Todos os problemas seriam ou serão resolvidos quando as nossas massas estiverem alfabetizadas e politizadas.... Está acontecendo na Região Nordeste do Brasil onde vivo... a miséria dos pobres que migram do interior para o litoral, para fugirem da fome. Alguns morrem pelo caminho. Aqueles que conseguem chegar às cidades litorâneas, sem nenhuma habilidade, vão ampliar o número de inadaptados. [...] lamentavelmente, com a sinceridade que nos orienta, devo falar da incapacidade dos nossos homens públicos. Nos sentimos impotentes ante uma tremenda inversão de valores: as elites que dirigem nossa nação não correspondem aos anseios do nosso povo. Para finalizar, digo que estamos amedrontados diante do futuro do Brasil (LIMA, 1965, p.43).

Zita, em várias passagens do seu relato, fala ainda da saudade, de que gostaria de receber mais cartas do Recife, mas também do quanto ficava orgulhosa, e descrevia com detalhes, todas as vezes que alguém fazia um elogio ao marido Luiz Beltrão e à experiência dele no curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, a exemplo do comentário do jornalista e poeta equatoriano, Oscar Silva, “tive uma grande honra em estudar com o professor Beltrão. Ele foi um dos mais distintos professores que passou por aqui (no curso do CIESPAL)”.

Zita de Andrade Lima era uma mulher de personalidade forte, que defendia os projetos do marido, mas também os seus projetos pessoais. É possível que venha daí a grande paixão de Beltrão por ela e a confiança em suas opiniões e orientações. Quem conviveu com o casal, destaca a importância de Zita na vida de Beltrão. Destacamos os depoimentos dados ao professor Roberto Benjamin durante a organização do livro **Itinerário de Luiz Beltrão** - da pesquisadora e jornalista pernambucana, Tereza Hallyday e o depoimento de Victor Alegria, ex-presidente da Câmara do Livro do Brasil Central:

Deus no céu e a esposa Zita na terra, de quando em quando um telefonema a pedir a ela uma opinião. E sempre saía um elogio ao trabalho da esposa que ele admirava pelos seus conhecimentos na área de radiodifusão. (ALEGRIA APUD BENJAMIN, 1998, p. 229).

---

<sup>8</sup> no relato do seu texto original, Zita apresentou sua versão em espanhol, mas tomei a liberdade de pinçar apenas alguns trechos dessa intervenção e os traduzi para o português.

Segundo Teresa Halliday, o professor Luiz Beltrão, ex-professor dela no curso de Jornalismo da UNICAP, costumava fazer um comentário com uma expressão marota:

“não tenho paciência com mulher burra”. Acostumara-se mal com a companheira inseparável, a inteligentíssima e azouguenta Zita, que se auto-definia assim: “ou me adoram ou me abominam”. Beltrão a adorava. Era toda vaidade e paciência para com a esposa que tinha ideias próprias, expressava-as alto e bom som, mas o defendia em seus projetos e realizações e o protegia com desvelo, dos “trique-triques” domésticos e do barulho dos cinco filhos, para que ele pudesse trabalhar, escrever (HALLIDAY APUD BENJAMIN, 1998, p. 224).

Além de jornalista e mãe, a mulher Zita gostava muito de dançar, viajar, conhecer lugares diferentes e assistir aos espetáculos das mais diversas artes. Nas suas viagens, algumas comparações com o que havia no Recife, nada isentas - movidas sem pudor pelo bairrismo, eram pinçadas por Zita. Foi o caso quando conheceu o Palácio do governo do Equador, em Quito. Apesar de achá-lo uma beleza, porque tinha um mural colorido, que a encantou com a predominância do preto, logo na entrada, saiu, como se diz em Pernambuco’, com o seguinte pitaco, “mas não faz sombra aos murais de Brenand nem de Abelardo<sup>9</sup>” (LIMA, 1965, p. 45).

Seus relatos, em vários documentos, falam ainda do prazer que ela e o marido tinham em dançar. Aliás, quando esteve em Quito, durante o curso do CIESPAL, os colegas, ao presenciarem Zita dançando em mais de uma celebração realizada para a turma, diziam que ela não era “Maria José, era a própria Sagrada Família” (LIMA, 1965, p.43).

Zita reconhecia que o fato de ser a esposa de Beltrão, caminhos e portas foram abertas, sobretudo porque muitos a chamavam D. Zita Beltrão, inclusive os colegas de turma, apesar de não ser esse o seu sobrenome oficial.

Quando conquistou o coração do seminarista Luiz Beltrão, a adolescente Maria José adotou o sobrenome paterno do marido, de acordo com a rotina cartorial. Durante o curso de jornalismo, todos os seus colegas a chamavam D. Zita Beltrão, o que a deixava feliz pela significação estratégica na carreira acadêmica que ela vislumbrou quando se transferiu para Brasília<sup>10</sup>.

A jornalista Zita de Andrade Lima almejava ser mais do que a esposa de Beltrão, ela também queria demarcar seu espaço profissional, e o fez, mesmo enfrentando momentos

---

<sup>9</sup> Aqui ela faz uma menção aos artistas plásticos pernambucanos, escultores, Francisco Brennand e Abelardo da Hora.

<sup>10</sup> Depoimento concedido pelo professor José Marques de Melo a Aline Maria Grego Lins, em 19 de abril de 2015.

muito difíceis. A mudança para Brasília, a nova Capital Federal, em 1965, sem dúvida, foi um grande desafio enfrentado por ela, filhos e, principalmente, por Beltrão, quando ele foi convidado a dirigir o curso de Jornalismo da Universidade de Brasília. A turbulência política e a incompreensão dos pares bateram à porta da família Andrade de Lima. O que no início foi uma grande alegria transformou-se, aos poucos, em apreensão e dias difíceis. Alguns simpatizantes do regime militar acusavam o marido de Zita de “subversivo”, já em alguns grupos de esquerda ele era considerado um “reacionário”. Foram dias muito difíceis para Beltrão, Zita e família, que ela desabafa no livro **Luiz, Companheiro de ofícios e de sonhos** (1965). Apesar dessas dificuldades, apesar do amor de Beltrão por Olinda e de Zita pelo Recife; ou mesmo pelo cuidado de Beltrão com a situação do curso de Jornalismo da UNICAP e pelo ICINFORM, eles não voltaram mais a viver na capital pernambucana e decidiram fincar suas raízes em Brasília.

Zita, como já citado anteriormente, nunca negou seu orgulho e gratidão pelo apoio que sempre recebeu do marido, mas, ao mesmo tempo em que era incentivada e apoiada pelo apaixonado Beltrão - que lhe escreveu ao longo da vida inúmeros poemas e a incentivou a fazer o mestrado, que resultou na belíssima dissertação e livro, **Princípios e Técnicas de Radiojornalismo** - ela também buscava construir sua própria história, ainda que, vez por outra, a linha por ela traçada fosse uma paralela muito próxima da história do seu Luiz, o Beltrão, seguindo de perto seus passos, até como escritora, talvez ações que só possam ser explicadas pelo grande amor que um sentia pelo outro, mas, como destaca José Marques de Melo<sup>11</sup>, que nunca apagou de Zita a força e a energia para também brilhar:

O sobrenome Beltrão lhe abria portas na burocracia federal, facilitando a progressão como funcionária da Radio MEC, assessora de imprensa do Ministério do Trabalho, mais tarde agregada ao gabinete da Primeira Dama no Palácio do Planalto. O canto de cisne de Luiz Beltrão como intelectual legitimado pela academia literária, depois de eleito para a Academia Brasiliense de Letras, coincide com a revelação da Zita escritora. Naturalmente vaidosa, ela disputa com o marido a ribalta brasiliense, em alguns momentos revelando-se competitiva... Porém, entramos aqui no terreno da especulação... Quem sabe, uma boa pesquisa de história oral permita desvendar a questão...

Como destaca sabiamente o professor Marques de Melo, essa é mesmo uma outra história ou capítulo, mas, na direção oposta ao da competição, tomo a liberdade para

---

<sup>11</sup> Depoimento concedido pelo professor José Marques de Melo a Aline Maria Grego Lins, em 19 de abril de 2015.

encerrar este capítulo com dois textos: o primeiro é de um poema de Beltrão para Zita intitulado *Poemas das Carícias ao Luar*, o segundo é o trecho de uma confissão de Zita, em 1999, ambos publicados no livro **Luiz Companheiro de Ofícios e Sonhos** (1999):

Deixa que minha cabeça cansada  
repouse no teu colo e doce olhar me embale.  
Depois, minhas mãos acariciarão a tua face e escorrerão pelos teus cabelos  
esvoaçantes ao vento.  
Nada sabemos das lutas do mundo, nem queremos saber por que a  
felicidade habita o tronco deste flamboyant, na suavidade desta noite clara  
de lua cheia [...].

Na mágica sintonia do casal, separados pela morte do amado, Zita (1999) faz a sua comovente confissão,

Muitas vezes sou envolvida por uma grande solidão interior e fico triste, muito triste. Mas, não sei por que estranho mecanismo, por que estranha lei da vida sou levada a recordar momentos felizes, palavras de encorajamento, ouvidas nos meus momentos de dificuldades, provas de amor, demonstrações de carinho, que atravessaram os quase cinquenta anos de vida em comum e flagro minha tristeza cedendo lugar a uma saudade doce... agradeço a Deus que nos seus desígnios, destinou Luiz para mim, ou me destinou para Luiz, ou melhor nos destinou um para o outro para juntos realizarmos quase todos os nossos sonhos.

Zita e Beltrão viveram como poucos uma linda história de amor, de construção de família, de produção e cumplicidade profissional e intelectual. O amor que nasceu na lendária cidade de Olinda, tão amada por ele, e embalado pelos rios e ebulições culturais do Recife, onde viveram e tiveram seus filhos na rua do Esperanto, no bairro da Boa Vista, ganhou fronteiras e espalhou-se por outras paragens. Em 2004, foi a vez de Zita dar adeus à vida, ela morreu 18 anos depois de seu amado, Luiz Beltrão, num mesmo mês de outubro, em 2004, aos 80 anos de idade e, seguindo, mais uma vez, seus passos, deixou uma linda obra.

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Roberto (Org.). **Itinerário de Luiz Beltrão**. Recife: Associação de Imprensa de Pernambuco: Fundação Antonio dos Santos Abranches, 1998. 311 p.
- LIMA, Zita de Andrade. Jornal de uma bolsista do CIESPAL. **Comunicação & Problema**, Recife, v.1, n.1, p.40-48, mar. 1965.
- LIMA, Zita de Andrade. **Luiz, companheiro de ofícios e de sonhos**. Brasília, DF: Thesaurus, 1999. 54 p.
- MELO, José Marques de. Depoimento concedido à Professora Aline Maria Grego Lins, em 19 de abril de 2015.
- MORAIS, Maria Luiza Nóbrega de. **Presença feminina no jornalismo pernambucano: dos primórdios à regulamentação profissional**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007. Anais... São Paulo: Facasper: CIEE, 2007.
- .